

## Inscrições romanas do *conventus Pacensis* Aditamento

*ABSTRACT: An additamentum to Inscrições Romanas do Conventus Pacensis published in 1984.*

*Some errata are given in the first part; in the second posterior information has been included along with the new texts published in the meantime.*

*Catalogue's numeration is maintained; a letter added between parentheses signalizes a new monument and it particularizes the number after what it should be inserted.*

Cremos que a edição de *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis* (=IRCP) (Coimbra, 1984) terá contribuído para abrir novas perspectivas no domínio da investigação do passado romano do Alentejo e do Algarve.

Veja-se, a este propósito, o comentário de Jorge de Alarcão (1985) que acentua os inúmeros e inovadores caminhos apontados pela documentação que estudámos: «Apesar de extenso, este nosso comentário não esgota a riqueza de uma obra que devemos considerar como um dos contributos mais válidos até agora publicados para o estudo da romanização de Portugal» (p. III).

Findo o trabalho, tínhamos a sensação de que escaláramos um monte, o panorama era deslumbrante e ou recomeçávamos a caminhada ou anotávamos, ainda que em traços largos, o que daí se descortinava. Preferimos a segunda hipótese e usámos, na ocasião, a dialéctica do epigrafista que desbravou terreno para o historiador: «Impõe-se que outros equacionem agora os dados arqueológicos com os epigráficos», diria ainda Jorge de Alarcão (*ibidem*).

Ousámos também no âmbito filológico, ao propormos, por exemplo, a tradução da onomástica (latina, grega ou pré-romana). Uma

tarefa onde muito havia por decidir e onde, por isso mesmo, tivemos de assumir riscos. E é exactamente nesse sentido que aponta a recensão preparada por Francisco São José de Oliveira (1985-1986).

Por outro lado, qual bola de neve, os achados epigráficos multiplicaram-se, as correcções surgiram (algumas arreliaadoras gralhas tipográficas ainda haviam escapado ao crivo da revisão...), identificaram-se monumentos dados como desaparecidos.

Escassos três anos passados, afigura-se-nos, pois, útil fazer desde já um primeiro balanço, ainda que fugaz, do que há a corrigir e a acrescentar.

Dividimos, portanto, esta breve nota em duas partes: corrigir-se-ão, na primeira, alguns dados que saíram errados; indicar-se-á, na segunda, o que informações posteriores permitiram aclarar e acrescentar-se-ão os textos entretanto publicados.

Mantemos a numeração do catálogo, juntando uma letra entre parêntese, no caso de monumento novo, para indicar com exactidão após que número ele deverá entrar.

\* Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras, R. de Subripas, P-3000 COIMBRA

## 1. ERRATA

Pág.	linha	onde se lê	deve ler-se
31	39	1593 <sup>1</sup> ,	1593 <sup>1</sup> (Évora),
50	6	exemplos em cada)	exemplos
58	21	e o seu	como o seu
137	19	em último	um último
220	18	<i>spendidissimus</i>	<i>splendidissimus</i>
221	n. 3	CIL 4465	CIL II 4465
227	23	a sucessivamente,	e sucessivamente,
251	10	de S. até pertence	de Alfândão, que pertence
259	28	Augusto,	Augusto.
270	28	SVLPICIVS.ZOGRAPHVS.	SVLPICIVS / ZOGRAPHVS /
	29	. ZOGRA-	/ ZOGRA-
290	21	LA[...JS / LA[...?]	LA[...?]
	últ.	em V	o V
313	2	desconhecidos) mas	desconhecidos (mas
342	5	QVISQ( <i>ius</i> )	QVISQ( <i>uis</i> )
361	13	pelo	por
387	27	<sup>5</sup> [...]TIAS [...]	<sup>5</sup> [...]TIAS / [...]
558	19	RESI<D>ETE	RES<ID>ETE
560	28	ZEPH[YRVS]	[ZEPH]YRVS
634	2	S. Bartolomeu	Assunção
645	29	BLAESIDIDENA	BLAESIDIENA
688	25	Posse de..., etc.	Desconhecido.
743	5	79	97
835	n. 1	a exaradas	aí exaradas
852	18	132 229	229
853	2	<i>acrescentar</i> :	— Na Quinta do Leão, Veiros: 595a
	26	20	12 19 20
	28	130	130 132
	29	157	157 180
	31	487	487 489
	32	528 529 532-555 557-565	528-530 532-565
859	17	16	100
	17	103	102
860	10	202	208
	5	106	649
863	40	601	69
866	39	455	455a
867	8	43	44
		158	156
	28	202	208
	30	16, 21.	21, 100.
869	20	555	509
871	5	maxumus	maximus
872	5	ε	3
878	2	<i>rariarum</i>	<i>variarum</i>
	19	625	604
922	18	539 551	539 550 551
937	34	642	842

892 It. p. p. 425

2. **Addenda et Corrigenda**Ia — **Ossonoba**

10

A propósito de *Lapillianus*, referimos, na p. 56, a possibilidade de relação com *Lapillius*, ceramista de Mérida. Françoise Mayet (1984) teve ocasião de corrigir a sua ideia inicial: *Lapillius* é oleiro de Tritium.

35

Apresentámos para publicação nos AMF (1985: 131) uma outra reconstituição da fórmula final, que saiu, porém, com várias gralhas. Propomos:

SOL[VM] TES.SEL.LAS[Q(ue)] . DE . SVO . STRAVER]VNT . ET . DONA.[RVN.]T

Os doadores «pavimentaram o solo com mosaico, a expensas suas, e dele fizeram doação».

Como assinalamos num artigo publicado nos AMF de 1987, «esta interpretação, que encontra paralelos epigráficos (v.g., CIL XIII 11479) tem perfeito cabimento no espaço disponível, aproveita o quase imperceptível vestígio de letra (que é o Q) que existe depois do S, salvaguarda a correcção gramatical e acentua o carácter de doação a expensas próprias, que é frequente em circunstâncias idênticas. Anote-se, aliás, a hendiádis *solum tesselasque* — em vez de *solum tessellatum* — que realça a oferta do pavimento e do mosaico».

J. Lancha ocupou-se também deste mosaico e da inscrição (1984: 59-60; 1985: 171-175 — cf. AE 1984 457), e preferiu reconstituir: *solum tessella s[ternendum curarunt et donarunt]*. No entender desta investigadora, as quatro pessoas referidas no mosaico «são, provavelmente, *quattuor-viri*, ou então outras personagens com responsabilidades profissionais ou religiosas» (1985: 175).

Ib — **Quinta de Marim (Olhão)**

Desta *villa* — que, por lapso, sempre referimos como Quinta *do* Marim quando o topónimo é Quinta *de* Marim (cf. AMF, 1985: 126) — sabemos, por informação de J. Fernandes Mascarenhas (Novembro 1984), que há, pelo menos, mais uma inscrição por publicar. Nessa mesma altura, Rogério Paulo Neves Domingos, de Marim, disse-nos possuir também uma outra lápide inédita.

39

Este monumento fora dado a conhecer, pela primeira vez, por J. Fernandes Mascarenhas, 1953.

45(a)

*Ach*: Nos inícios de 1986, aquando dos trabalhos de escavação para alargamento da ponte de Marim.

*Par*: Biblioteca-museu da Câmara Municipal de Olhão.

Pelo que nos é dado observar nas fotografias (gentilmente cedidas por José Martins), trata-se de uma ara praticamente intacta, de calcário branco, apenas mutilada «no canto superior esquerdo (abrangendo parte do campo epigráfico) e no canto inferior direito (na base)», decorada nas quatro faces. No capitel, frontão com grinalda em relevo; toros lisos, de corola tripétala nos topos; fôculo; a moldura é constituída por: platibanda (decorada, na face dianteira, com motivos geométricos), filete directo denticulado, outro filete denticulado também. O campo epigráfico está centrado na face anterior do fuste, limitado por moldura constituída (segundo nos parece) por dois toros e listel; entre a moldura do campo epigráfico e a do capitel, foi esculpido, a meio, um arranjo vegetal — que J. Martins identifica como a árvore da vida — donde saem dois ramos coleantes, como gavinhas de parreira, um para cada lado, contornando o campo epigráfico (excepto em baixo). Do lado esquerdo do fuste, dentro de um nicho escavado — tal como acontece com o monumento de *Caecilia Marina*, de S. Brás de Alportel (IRCP 64) — um elegante jarro em relevo, do tipo *lagoena*, asa à esquerda, pé com nódulo e base alargada. À direita, também num nicho e em relevo, uma pátera larga, com *umbo* e pega para baixo. No conjunto, um monumento deveras gracioso e imponente.

Dimensões: 112×47×44. Jarro: 24×12,5; pátera: 31×18.

Campo epigráfico: 41×28.

D(is) . M(anibus) . S(acrum) / FABIA C(aii) . F(ilia) / MACIA/ECA [?] AN(norum) / <sup>5</sup> XXXXII (duo et quadraginta) / H(ic) (hedera) S(ita) (hedera) E(st) (hedera) S(it) (hedera) T(ibi) (hedera) / T(erra) (hedera) L(evis) (hedera).

Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz Fábía Macieca (?), de quarenta e dois anos. Que a terra te seja leve.

Altura das letras e medida dos espaços: não indicadas.

Martins, 1986.

Variantes de leitura (Martins): 1. 3/4: MACIA (...?) ECA (...?).

Paginação com alinhamento à esquerda e à direita, a ocupar, em altura, praticamente todo o campo epigráfico. O editor indica ser perceptível a existência de linhas auxiliares. Caracteres actuários, largos. Pela paleografia e pela presença da invocação aos Manes, é monumento datável da segunda metade do século II.

A simples análise das fotografias nada nos permite concluir de seguro acerca do cognome da defunta. Não encontramos, aliás, qualquer antropónimo semelhante a um (eventual) *Maciaecus*. Quanto a testemunhos de uma *gens Fabia*, conhecemos na região *M. Fabius Myrtillus*, de Ossónoba (IRCP 10), o que, aliado à imponência e riqueza decorativa do monumento, lhe confere particular interesse.

## II — Balsa

93

Encarnação, 1982.

## III — Myrtilis

95

Cf. AE 1982 456.

102 (a)

*Ach*: Mértola, durante os trabalhos arqueológicos de 1986.

*Par*: Museu de Mértola.

Fragmento de cipo funerário, em mármore branco.

Dimensões: (53)×(61)×25.

Campo epigráfico: (19)×40.

AVRELIVS ASCLE/PIADES . VIXIT / [A]NN(os) LXXXI[...] (*unius? et octoginta*) / [...]

Aurélio Asclepiades viveu oitenta e um (?) anos...

Altura das letras: 1. 1: 3,3; 1. 2: 3,2; 1. 3: 3. Espaços: 0,3.

Dias, 1986 c.

103(a)

*Ach*: Alcáçova do castelo de Mértola.

*Par*: Museu de Mértola.

Fragmento de uma placa funerária, em mármore cinzento-azulado escuro, de grão fino.

Campo epigráfico limitado por moldura do tipo gola directa.

Dimensões: 31×25×3.

Campo epigráfico: (22,5)×(16,5).

CASS[IANA] / VIXIT [ANN(os) / XXX[...]] / [...]

Cassiana viveu trinta (?) anos...

Dias, 1987.

119

Deve ser retirado de IRCP, porque, tendo-o encontrado no MNAE, verificámos que era cristão.

## IIIa — Metallum Vipascense

122

Cf. AE 1984 458, que sugere, dubitativamente, o desdobramento em *castellum Durbede(nse)* e relaciona o topónimo com o *deus Durbedicus*.

125(a)

*Ach*: Monte das Ramas, Casével, Castro Verde (1980).

*Par*: Sede da Associação para a Defesa do Património Cultural de Castro Verde «Castra Castrorum».

Estela em grauvaque cinzento-claro, de forma irregular.

Dimensões: 69×53×6/8.

Campo epigráfico: 15×42.

L(*ucii*). CORNELI(*i*) / MITVLI

Altura das letras: 5,5. Espaço 2: 2/2,4.

Dias, 1986 b.

Datável «de meados do século I a. C.».

131(a)

*Ach*: Vipasca, Aljustrel.

*Par*: MNAE. N.º 15767. (Não o identificámos).

Urna cinerária, com grafito.

L(*aberia?*). [Q]VINTIL[L]JA / H(*ic*) S(*ita*)

E(*st*)

Aqui jaz Labéria (?) Quintila.

Domergue, 1983: 34.

O gentílico em sigla pode ser *Laberia*, como propomos atendendo a IRCP 131 (*Laberia Coimtia*), ou *Licina*, se atendermos a IRCP 132 (*Lucius Licinius Fuscus*). [1]

136(a)

*Ach*: Monte das Almoleias de Cima, Casével, Castro Verde (1983).

*Par*: Serviço Regional de Arqueologia do Sul, Évora (1986).

Estela de xisto castanho-acinzentado.

Dimensões: 79×42×5.

Campo epigráfico: 28,3×36,5.

L(*ucius*) . / SAGAIVS / MÁXVMI . F(*ilius*) / H(*ic*) . S(*itus*) . E(*st*) . S(*it*) . T(*ibi*) . T(*erra*) . L(*evis*)

Aqui jaz Lúcio Sagaio, filho de Máximo. Que a terra te seja leve.

Altura das letras: 1. 1: 5,7/6,3; 1. 2: 5,7/6,4; 1. 3: 6,4.

Encarnação, 1986 b.

Datável da primeira metade do século I.

### 138(a)

Em Castro Verde, foi encontrada, em 1982, segundo nos informou Manuel Maia, uma pequena estela de xisto, que permanece inédita e cujo paradeiro desconhecemos. Diria apenas:

M(*arcus*) VLPIVS OBIDVS / H(*ic*) S(*itus*) E(*st*).

Aqui jaz Marcos Úlpio Óbido.

*M. Ulpius* são os nomes do futuro imperador Trajano. De *Obidus* não encontramos paralelos. Pela onomástica, parece, pois, possível tratar-se de um colono itálico.

### 138(b)

*Ach*: Vipasca, Aljustrel.

*Par*: MNAE. N.º 15759. (Não o identificámos).

Urna cinerária com grafito.

L(*ucius*) V(*vel* X)IRIVS CALATIVS / S[...] / AN(*norum*) [...]

Domergue, 1983: 34.

Atendendo a que há uma *Viria* (IRCP 138), a leitura *Virius* será mais plausível. Que saibamos, *Calatius* (por *Calantinus*?) não está documentado na Península Ibérica: é antropónimo relacionável com *Calatia*, Calácia, cidade da Campânia, pelo que poderemos estar em presença de um colono.

### 139

Cf. AE 1983 465, que sugere, com base em FE 25: CONIVGI [...] COELICVS. Não nos parece viável essa interpretação.

### 141

Informou-nos Caetano de Melo Beirão que «é ligeiramente diferente» o contexto arqueológico em que ele próprio descobriu a estela «há cerca de quinze anos» (carta de 8-2-1985).

### 141(a)

*Ach*: Vipasca, Aljustrel.

*Par*: MNAE. N.º 15758. (Não o identificámos).

Urna cinerária com grafito.

[...] D(*is*) M(*anibus*) S(*acrum*) / (*hedera*)

Domergue, 1983: 34.

A identificação do defunto encontrar-se-ia antes da fórmula consecratória aos Manes.

## IV — Mirobriga

### 144

Francisco de Oliveira considera, na citada recensão (1985-86), que *ob merita splendidissimi ordinis* explicita o motivo da homenagem e propõe a seguinte tradução, consoante teve a amabilidade de nos comunicar:

«Ao deus Esculápio. Gaio Átio Januário, médico pacense, pelo merecimento da ordem ilustríssima, legou em testamento (dinheiro) que também pagasse Quinquátrias (ou: um pentatlo)....»

### 146

Considerando a dificuldade de atribuir ao *magister* funções de conteúdo bem definido, Jorge de Alarcão sugeriu-nos como preferível a tradução, mais literal, de «magistrado».

## V — Salacia e seu termo

### 186

Cf. AE 1982 461. Está correcta a interpretação que apresenta: [FL]AMINI (1. 4), [P]ERPET[VO] (1. 5).

### 188

Cf. Faria, 1984: n.º 40.

### 205

Cf. Faria, 1984: n.º 41.

## VI — Caetobriga

### 209

Cf. AE 1984 459.

### 212

Cf. AE 1984 460.

### 218

Cf. AE 1984 461.

## VII — Pax Iulia

229

Cf. Portillo *et alii*, 1985: 203-204.

240

Cf. Portillo *et alii*, 1985: 202-203.

244

Tendo em conta a possibilidade de se tratar de um monumento honorífico, é preferível reconstituir OP[TATO?], conforme sugeriu Jorge de Alarcão.

296

Cf. AE 1983 466.

310

Cf. AE 1983 467, que sugere, com base em FE 20: D(is) [M(anibus) S(acrum)] / LIGAR[IO - -] / IAN[VARIO] / H(ic) S(itus) [E(st)...] — hipótese que não nos parece possível.

314

Cf. AE 1983 468, que sugere, com base em FE 22: D(is). M(anibus). S(acrum) / [M]JODESTIN[AE?] Q(u)E [?] / [V]IX(it) ANN(os) / <sup>5</sup> [...]TIAS [?] / [...]. Salvo alguns pormenores nas 1. 3 e 4 (por exemplo, o V de QVE está bem nítido na pedra), é esta a interpretação que demos.

327(a/h)

Não lográmos reencontrar oito pequenos fragmentos de delgadas placas (verosimilmente) funerárias, que vimos, em 1980, no depósito dos materiais arqueológicos provenientes da *villa* de Piões (Herdade da Almoreva, Santiago Maior, Beja). Registamos as respectivas letras, de acordo com as notas sumárias que então tiráramos numa primeira identificação:

(a) Em dois fragmentos que se ajustavam, formando como que um retângulo partido pela diagonal: [...] H(ic) S(itus vel -a) E(st) / [...] BRNTE. Seria B(eneme)R(e)NTE?

(b) [...] MAIORVM [...]

(c) [...] / [...]AP[...] / [...] [A]NN(orum) [...]

(d) [...] CON[...]. Seria CONIVGI?

(e) [...] HIC [...]

(f) [...] HC [...]

(g) [...] TE [...]

(h) [...] H [...]

329(a)

Ach: Monte das Fontes, Pedrógão, Vidigueira.

Par: No local de achamento.

Cupa funerária, incompleta, de mármore de Trigaches, com representação dos aros de aduelas.

Dimensões: (78)×38×17.

Campo epigráfico: 31,7×36,5.

D(is) M(anibus) S(acrum) / I(ulius). HILARIVS / ANN(orum) XXVIII (octo et viginti) / LIBERTO . ME/RENTI . PATRO/N(us) P(osuit) . H(ic) S(itus) E(st) S(it) T(ibi) T(erra) L(evis)

Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz Júlio Hilário, de vinte e oito anos. O patrono colocou ao liberto merecedor. Que a terra te seja leve.

Altura das letras: 1. 1: 1,4; 1. 2 e 3: 2,7; 1. 4: 2,7/3,7; 1. 5: 3,7. Espaços: 1: 1,4; 2: 1,2; 3: 1,4/1,2; 4 e 5: 1,4.

Lopes, 1986.

332

A cupa referida na nota 4 já foi retirada do local, por nossa intervenção. Está anepígrafa. Encarnação, 1986 a.

339

Cf. AE 1984 465, que acentua: «O texto não se refere necessariamente a Mitra, que não é a única divindade a ser designada como *Sol Invictus*. Pode, pois, duvidar-se do desenvolvimento organizado do culto mitraico em Beja que se admitira antes».

351

Cf. AE 1984 462.

359

Cf. AE 1982 460.

362a

Ach: Beja (12-8-1912).

Par: Museu Municipal do «Dr. Santos Rocha», Figueira da Foz (legado de A. Mesquita de Figueiredo).

Pequeno fragmento de cupa funerária em mármore de Trigaches.

Dimensões: (13,5)×(23,5)×(6).

Campo epigráfico: 13,5×9/12,5.

D(is) M(anibus) S(acrum) / [IVLIA?] AEMI/[LIANA?] VIX(it) / [AN(nis)] [?] [LX vel XL]VIII . [...]

Altura das letras: 1. 1: 2,6; 1. 2: 2,6/3; 1. 3: 3; 1. 4: 2,5. Espaços: 1 e 2: 0,7; 3: 1.

Lucas, 1987.

Pontos triangulares. A sem barra. O defunto também pode ser, como salienta a autora, C(aius) IVL(ius) AEMILIANVS. Segundo o formulário habitual das cupas de Beja, após a idade, estaria mencionado o dedicante seguido de P(osuit) e as fórmulas funerárias finais.

### VIII — Eborá

Jorge de Alarcão (1985) considera pouco convincente a nossa argumentação a favor da não-autenticidade de CIL II 114 (IRCP, p. 442). Aponta, como elementos a ter em conta: que as relações de Évora com Collipo também estão documentadas em CIL II 354 e que outros *Laberii* se documentam na região de Évora (IRCP 426 e 456).

Transcrevemos de Hübner, na esperança de a podermos, enfim, identificar, a referência «Apiano (v. c. 32, 2)» (p. 443, l. 19). Não é *Bella Civilia*, como se poderia pensar. A identificação continua, pois, por fazer.

379

As medições efectuadas por T. Hauschild, no decorrer dos trabalhos realizados no templo, em Junho de 1987, levaram-no a concluir que «se trata de um pedestal de forma rectangular (não sextavada), encontrando-se a inscrição apenas num dos lados», segundo gentilmente nos informou por carta de 2 de Julho. «Dos restos de um orifício existente na parte superior — escreve ainda T. Hauschild — deduzimos que aí se deve ter erguido uma estátua».

A leitura a que na mesma ocasião se procedeu (foi-nos facultado o desenho, da autoria de Ivone Beirão), pouco difere, porém, da que apresentámos:

[...]SA[...] / [...]P?I[M?][...] / [...]O[?...] / [...] . F [?...] / <sup>5</sup>[...]EN[...] / [...]O?TI[...] / [...]

Continuamos sem saber apresentar uma reconstituição plausível. Tentador seria ver aí a identificação de um imperador; mas, na l. 1, antes do S, há o vértice superior de uma letra que não parece ser E; depois do A, o vértice de uma outra que não é R. Confirma-se também o I na l. 2 (contra Hübner, que sugerira T); da mesma forma, na l. 6, há mais probabilidades de se ler [NEP]OTI que [P]OTE[STATE].

416

Cf. AE 1982 459.

### IX — Vila Viçosa e seu termo

447

O monumento fora cedido para uma exposição, de forma que não pudéramos completar a sua descrição, o que ora fazemos, após o termos examinado no posto de turismo de Beja, onde se encontra exposto.

A placa é de mármore de Estremoz-Vila Viçosa, com muita pátina. Bordos laterais não alisados, não trabalhada atrás.

Dimensões: 20×21,5×2/3.

Na l. 3, deverá ler-se LXXV (e não LXX): de facto, apesar da depressão aí existente, nota-se bem o arranque do V em nexa com o X.

Altura das letras: 1. 1: 2,5; 1. 2: 2,4/2,7; 1. 3: 2,1/2,5; 1. 4: 2,5.

Espaços: 1: 1,7; 2 e 3: 1; 4: 1,3; 5: 5,2.

460

Cf. Dias, 1986 a.

469

Cf. AE 1984 463.

485(a)

*Ach*: Igreja de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> do Loreto, no castelo de Juromenha, Alandroal (1978).

*Par*: Na posse de José Manuel Camarinha, em Elvas.

Fragmento de ara votiva, de mármore branco de Estremoz.

Dimensões: (32)×34/36×14/15.

Campo epigráfico: (17)×32.

ENDOVOLLICO / SACRVM (*hedera?*) POS(*uit*) / T(*itus*) ANNIVS (*hedera?*) / VS[...]R[...] PATRV[?] / <sup>5</sup>[...].

Consagrado a Endovélico. Tito Ânio (...) colocou (...).

Altura das letras: 1. 1: 3/3,3; 1. 2: 3/3,6; 1. 3: 3,3/3,7. Espaços: 1: 1,3; 2: 1; 3: 1,3.

Maciel e Maciel, 1985 a.

*Patru* (?) poderá estar relacionado com *patres*, antepassados: «Em caso afirmativo, este ex-voto seria mais uma prova de que o culto a Endovélico passava de pais para filhos».

### X — Elvas e seu termo

566(a)

Apresenta Mário Saa (1956: 244 e fig. 9) o desenho de uma coluna moldurada na parte

superior, achada no caminho velho de Monforte a Elvas, 10 km adiante de Monforte, onde, em sua opinião, existiria um templo. Numa face ler-se-ia LARIBVS / VIALIBVS / L. P.; na outra, LARIBVS TOPILLIVS.

O inusitado do achamento de uma epígrafe aos *Lares Viales* nesta zona da Lusitânia e o facto de desconhecermos, na altura, o paradeiro da colecção arqueológica de Mário Saa (hoje, na sede da Junta de Freguesia do Ervedal, Avis), levaram-nos a omitir cautelarmente a referência ao monumento.

Podemos agora confirmar que ele existe: é um altar de granito róseo (62×41/36×35/30), moldurado nas quatro faces. A leitura de M. Saa está praticamente correcta: preferiremos, por exemplo, *Popillius* a *Topillius* e, na fórmula dedicatória, há lugar para um A — L(*ibens*) P(*osuit*) A(*nimo*).

## 575(a)

*Ach*: Herdade da Defesinha, Ouguela, Campo Maior.

*Par*: Desconhecido.

Árula moldurada, com toros e fôculo, para cujo estudo se dispõe, apenas, da fotografia.

Q(*uintus*) . P(...?) . R(...?) . D(*ea*?) . S(*anctae*?) / V(*otum*?) . Q(*uod*?) . F(*ecit*?) . A(*nimo*?) . L(*ibens*?) / E[?] . V(...?) . PO[...]<sup>5</sup>POT [?] / <sup>5</sup>E M [?].

Diogo, 1984 = AE 1984: 475.

Variantes: No final da 1. 1: [T(*urubrigensi*)]; no final da 1. 2: [P(*osuit*)]; 1. 3: [...]; 1. 4: E(x), M(*onitu*).

A. Diogo considera a epígrafe dedicada a Atégina e é de opinião que, na 1. 3, «deverão estar indicadas as oferendas ou modo como foram feitas» e que «a última linha esclarece-nos que a dedicatória foi originada por inspiração divina». Em nosso entender, a identificação do teónimo por siglas significa apenas que, por o monumento se destinar ao habitual lugar de culto, se dispensava uma identificação completa. Por outro lado, a pouca nitidez da fotografia ao nível das linhas 3 e 4 não permite, por enquanto, quaisquer conclusões.

## 578(a)

*Ach*: Monte do Passo, Caia-S. Pedro, Elvas (1984).

*Par*: Museu de Elvas.

Fragmento de placa funerária, de mármore de Estremoz-Vila Viçosa.

Dimensões: (34)×22,5×5,5.

Campo epigráfico: (15)×32.

APONIA NARCISSA / H(ic) S(ita) E(st) S(it) T(ibi) T(erra) L(evis) / [...] B[...]  
N[A]R[C]I[SSO] [?] / [...] O[?] [?].

Aqui jaz Apónia Narcissa. Que a terra te seja leve. ... Narcisso ...

Altura das letras: 1. 1: 2,5/3,4; 1. 2: 2; 1. 3: 3?; 1. 4: 2,3?. Espaços: 1: 0,5; 2: 1,4; 3: 1,8

Maciel e Maciel, 1985 b.

## 586(a)

*Ach*: Herdade das Caldeiras, Caia-S. Pedro, Elvas (1982).

*Par*: Museu de Elvas.

Árula de mármore branco, de grão fino.

Dimensões: 30×13/12/13,5×8,5/7-8/10,5.

Campo epigráfico: 13,5×11,3.

D(is) M(anibus) S(acrum) / FESTIVO / MARITO / BENEME/RENTI /<sup>5</sup> HELPIS F(ecit) / H(ic) . S(itus). E(st) . S(it) . T(erra) . L(evis) / ANORVN [sic] LV (*quinque et quinquaginta*).

Consagrado aos deuses Manes. Helpis fez a Festivo, marido digno de merecimento, de cinquenta e cinco anos. Aqui jaz. Que a terra seja leve.

Altura das letras: 1. 1: 1/1,3; 1. 2: 1/1,1; 1. 3: 1,1/1,4; 1. 4: 1/1,3; 1. 5: 1,5/1,6; 1. 6: 1,5/1,7; 1. 7: 1,4; 1. 8: 0,9/1,5. Espaços: 1 a 5: 0,8; 6: 0,5.

Maciel e Maciel, 1985 c.

## 593

Árula de mármore branco tipo Estremoz-Vila Viçosa, que se encontra guardada no Museu Municipal de Campo Maior e que tencionamos publicar proximamente com mais pormenor.

Praticamente intacta, moldurada nas quatro faces, apresenta capitel com toros e fôculo.

Dimensões (máximas): 68,6×33,7×17,1.

Confirma-se a leitura que apresentámos. Paginação com alinhamento à esquerda. Caracteres irregulares.

## 595a

Cf. AE 1984 464.

## 599(a)

*Ach*: Herdade Amoreirinha dos Arcos, Caia-S. Pedro, Elvas.

*Par*: Desconhecido.

Fragmento que não conseguimos identificar.

D / IP / SER / AVG / <sup>5</sup>PARE / STT

Pires, 1931: 13-14.



Tratar-se-á de um texto funerário: na l. 1, estaria a invocação aos Manes; na l. 5, eventualmente, PARENTES e, na l. 6, a fórmula final S.T.T.L.

## XI — Ammaia

604  
Cf. Le Roux, 1986: 336. A referência *Arg.* 2,10, de uma obra de Cícero, como contendo a expressão «civitas constituta», que colhemos num livro da especialidade, está certamente errada. Mesmo que se tratasse de *Agr.* (= *De Lege Agraria*), em 2, 10 tal frase não existe. Encontrámo-la, todavia, em *De Legibus* 1, 19, também.

618  
A observação directa do fragmento da esquerda (68,5×12×20), existente (em Junho de 1986) na Quinta do Deão, S. Salvador de Aramenha, em bom estado de conservação, permite-nos apresentar o texto na sua totalidade:

P(ublio) CORNELIO / Q(uirina tribu?)  
MACRO / VIRITIM A DIVO / CL[A]VDIO  
CIVI[TATE?] / <sup>5</sup> DONATO / QVAESTORI  
II[VIRO?] (*duumviro*) / EX TESTAMENTO  
I[PSIVS?] / QV[I]NTIVS CA[P]ITO / CVM  
Q(uinto?) F(ilio?) H(eredes?) [P(osuerunt)?].

624  
Cf. AE 1982 457.

630  
*Par*: Já foi guardada na casa da quinta (Junho 1986).

634  
*Ach*: Em S. Salvador de Aramenha, na Quinta do Deão, segundo amável informação do Dr. Jorge Oliveira (veiculada por Caetano de Melo Beirão, 8-2-1985) e não no termo de St.º António das Areias, como escrevemos. O outro fragmento da peça encontra-se em Nisa, na posse de um particular.

635  
*Par*: Em Junho de 1986, já não se encontrava na arrecadação do Monte de Vila Formosa e não nos foi possível saber do seu paradeiro.

## XII — Aritium Vetus e seu termo

637  
Segundo nos informou o Dr. Fraústo Basso, de Nisa (em Junho de 1986), o monumento foi achado em propriedade sua, pertencente à freguesia de Espírito Santo, do concelho de Nisa. Está, pois, na ordem correcta e fica anulado o que se diz na primeira parte da nota da p. 696.

641  
Cf. Garcia, 1985.

644  
A identificação do monumento de Nisa permitiu-nos completar os dados que deixáramos em aberto.

*Ach*: Tapada da Fonte da Cal, Espírito Santo, Nisa (1941).

*Par*: Museu da Santa Casa da Misericórdia de Nisa (em formação).

Grande estela de granito claro, de grão fino, partida ao nível da l. 3 em dois fragmentos que se ajustam. Só lhe falta, aliás, uma pequeníssima porção no registo superior. Tem, na face epigrafada, esse primeiro registo ocupado por rosácea de seis pétalas inscrita em duas circunferências concêntricas (diâmetro = 29 cm); abaixo, um crescente, em relevo também, de pontas para cima (distância entre as pontas: 28 cm); segue-se o campo epigráfico e, sob ele, um novo registo com uma circunferência central (diâmetro = 20 cm) e uma, mais pequena (7-8 cm de diâmetro), em cada um dos quatro cantos.

Dimensões: 197,1×36,2×14,9.

Campo epigráfico: 68,5×29.

DVATIVS / AVITI F(*ilius*) / ANN(*orum*) .  
XX (*viginti*) / H(*ic*) . S(*itus*). E(*st*) . S(*it*) / <sup>5</sup>  
T(*ibi*) . T(*erra*) . L(*egis*) . / VLLEA / AFVLI  
F(*ilia*) / MATER / ET . AVITV / <sup>10</sup>S . P(*ater*)  
· H [=FIL(*io*)?] F(*aciendum*) Q(*uraverunt*)  
[*sic*]

Aqui jaz Duácio, filho de Avito, de vinte anos. Que a terra te seja leve. A mãe, Uleia, filha de Afulo, e o pai, Avito, mandaram fazer ao filho.

Altura das letras: 1. 1: 4,4/4,6; 1. 2: 4,6/5,1; 1. 3: 4,5/4,9; 1. 4: 4,2/5,1; 1. 5: 4,6/5,2; 1. 6: 4,6/4,9; 1. 7: 3,9/4,4; 1. 8: 4,6/4,7; 1. 9: 4,7/5,3; 1. 10: 4,5/4,4 (Q=3,3). Espaços: 1: 1,9/2,1; 2: 2,2/2,4; 3: 1,7/1,9; 4: 2,3/2,7; 5: 1,7/1,9; 6: 2/2,1; 7: 1,8/2,1; 8: 1,8/2,4; 9: 1,9/2,1; 10: 0,9/1,4; 11: 0,2/0,5.

Paginação com alinhamento à esquerda. Pontos, circulares, nem sempre aplicados onde seriam de regra. Caracteres actuários, baixos, de barras horizontais bem vincadas: S simétrico, inclinado para diante, A sem barra. Na última linha, cremos que o H aí claramente grafado resulta de má compreensão, por parte do lapicida, da minuta que lhe foi apresentada: FIL confunde-se facilmente com um H; aliás, existe no vértice inferior da haste direita uma curta barra que poderá ser precisamente o vestígio do L. O Q foi gravado desajeitadamente, com a haste muito prolongada, na horizontal.

A nova leitura permite-nos, pois, afastar a hipótese *Apulia* que aceitáramos com muitas reservas. *Ullea* é nome indígena registado na Egitânia (ILER 3994). *Afulus* não tem paralelos que conheçamos: a hipótese de má grafia — por *Apulus* (cf. ILER 533 e 810) — não é despendiada.

#### XIV — Miliários

A propósito de CIL II 4642 e 4643, referim-nos, na p. 719, a Caria do concelho de Belmonte: trata-se de Caria no concelho de Moimenta da Beira.

Ainda nessa página, expressamos, em nota, a opinião de que interessará estudar, no terreno, os miliários do nordeste alentejano. Jorge de Alarcão considera, por exemplo, que se deve manter como falso IRCP 663 (= CIL II 435<sup>v</sup>). Por outro lado, recente trabalho escolar apresentado no Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra (1985) por José Rafael da Silva, de Ponte de Sor, demonstra quão fértil será essa batida de campo.

664a

Cf. AE 1984 467.

665

Não está na Junta de Freguesia do Ervedal, Avis.

666a

Está na Junta de Freguesia do Ervedal. Leitura confirmada.

672

Cf. AE 1984 466.

677(a)

Está no museu municipal de Campo Maior o miliário referenciado num extracto das

«Memórias Paroquiais de 1758» publicado por Pedro A. de Azevedo (1897: 105) entre as «colunas de pedra» atribuíveis aos Romanos, com caracteres que já se não podem ler, diz-se que numa delas «se percebe a palavra EMERITENCIS [sic]».

Esta informação, repetida por vários autores, corresponde à verdade. Trata-se de um marco de granito, de 145 cm de altura e 35 cm de diâmetro, que foi regravado de forma que mal se distingue o que teria sido escrito inicialmente.

Lemos:

DOMI/NIASV/ IM ASNNE / NTIFIIG /  
5 EMERI/TE

Altura das letras: 1. 1 e 2: 10; 1. 3: 9/12; 1. 4: 10; 1. 5: 12,5; 1. 6: 12. Espaços: 1: 40; 2 e 3: 4; 4: 2; 5: 2,5; 6: 2; 7: 23.

Torna-se, pois, difícil saber a que imperador diz respeito, embora o início — DOMINVS NOSTER? — nos pareça apontar para a segunda metade do século III. Considera-se possível, no entanto, que no final estivesse escrito o topónimo EMERITA ou mesmo EMERITE, como hoje se lê, porquanto o miliário indicaria possivelmente a distância a Mérida, em cujo território se situava, ao tempo dos Romanos, a área de Campo Maior.

#### Abreviaturas

AE = «L'Année Épigraphique», Paris.

AMF = «Anais do Município de Faro», Faro.

CIL II = HÜBNER, E. — *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II, Berlim, 1869 e 1892 (suplemento).

ILER = VIVES, J. — *Inscripciones Latinas de la España Romana*, Barcelona, 1971 e 1972.

IRCP = ENCARNAÇÃO, J. d' — *Incrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984.

MNAE = Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa.

#### Referências bibliográficas

ALARCÃO, J. (1985) — *Sobre a romanização do Alentejo e do Algarve (A propósito de uma obra de José d'Encarnação)*, «Arqueologia», Porto, 11, p. 99-111.

AZEVEDO, P. A. de (1897) — *Memórias Paroquiais de 1758*, «O Archeologo Português», Lisboa, 3, p. 105.

DIAS, M. M. A. (1986 a) — *Inscrição funerária de São Bento do Cortiço (Estremoz)*, «Ficheiro Epigráfico», Coimbra, 16, n.º 73.

- DIAS, M. M. A. (1986 b) — *Inscrição funerária de Casével (Castro Verde)*, «Ficheiro Epigráfico», Coimbra, 18, n.º 83.
- DIAS, M. M. A. (1986 c) — *Fragmento de cipo funerário romano de Mértola*, «Ficheiro Epigráfico», Coimbra, 20, n.º 91.
- DIAS, M. M. A. (1987) — *Fragmento de placa funerária romana de Mértola*, «Ficheiro Epigráfico», Coimbra, 21, n.º 92.
- DIOGO, A. M. D. (1984) — *Ara votiva de Ouguela, Campo Maior*, «Ficheiro Epigráfico», Coimbra, 8, n.º 32.
- DOMERGUE, C. (1983) — *La mine antique d'Aljustrel (Portugal) et les tables de bronze de Vipasca*, «Conimbriga», Coimbra, 22, p. 1-205.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1982) — *Epitáfio de Euprepes*, «Clio», Lisboa, 4, p. 141-142.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1986 a) — *Interessante monumento funerário romano posto a descoberto em St.ª Margarida do Sado*, «Diário do Alentejo», Beja, 16-05-1986, p. 12.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1986 b) — *Estela funerária de Castro Verde*, «Ficheiro Epigráfico», Coimbra, 18, n.º 82.
- FÁRIA, J. C. L. (1984) — *Dois fragmentos de placas de Alcácer do Sal*, «Ficheiro Epigráfico», Coimbra, n.ºs 40 e 41.
- GARCIA, J. M. (1985) — *Quangeio deus lusitano*, «História», Lisboa, 76, Fev., p. 23-32.
- LANCHA, J. (1984) — *Les mosaïstes dans la vie économique de la Péninsule Ibérique, du I<sup>er</sup> au IV<sup>ème</sup> siècle: état de la question et quelques hypothèses*, «Mélanges de la Casa de Velázquez», Paris, 20, p. 45-61.
- LANCHA, J. (1985) — *La mosaïque d'Océan découverte à Faro (Algarve)*, «Conimbriga», Coimbra, 24, p. 151-175. Tradução portuguesa: AMF 15, 1985, p. 111-124.
- LE ROUX, P. (1986) — *Municipe et droit latin en Hispania sous l'Empire*, «Revue Historique de Droit Français et Étranger», 64, p. 325-350.
- LOPES, M. C. (1986) — *Uma cupa funerária da Vidigueira*, «Conimbriga», Coimbra, 27, p. 205-212.
- LUCAS, M. M. (1987) — *Fragmento de cupa epigrafada*, «Ficheiro Epigráfico», Coimbra, 24, n.º 111.
- MACIEL, M. J. P.; MACIEL, T. D. Pinheiro (1985 a) — *Fragmento de ara a Endovólco, de Juromenha*, «Ficheiro Epigráfico», Coimbra, 15, n.º 64.
- MACIEL, M. J. P.; MACIEL, T. D. Pinheiro (1985 b) — *Fragmento de placa funerária do Monte do Passo, Elvas*, «Ficheiro Epigráfico», Coimbra, 15, n.º 65.
- MACIEL, M. J. P.; MACIEL, T. D. Pinheiro (1985 c) — *Árula funerária da Herdade das Caldeiras, Elvas*, «Ficheiro Epigráfico», Coimbra, 15, n.º 66.
- MARTINS, J. A. S. (1986) — *Ara funerária encontrada em Marim*, «Boletim Municipal da Câmara Municipal de Olhão», ano II, n.º 4, Abril.
- MASCARENHAS, J. F. (1953) — *Os Romanos no Algarve — Dois cipos numa necrópole descoberta na Alfanzia*, «Novidades», Lisboa, 5-7-1953, suplemento, p. 1 e 4.
- MAYET, F. (1984) — *Les céramiques sigillées hispaniques (Contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire Romain)*, Paris.
- OLIVEIRA, F. de (1985-1986) — *Recensão a IRCP*, «Humanitas», 37-38, p. 338-345.
- PIRES, A. T. (1931) — *Excerptos de um estudo sobre a toponymia elvensis* (Estudos e notas elvenses, XIII), Elvas.
- PORTILLO, R.; RODRÍGUEZ OLIVA, P.; STYLOW, A. (1985) — *Porträthermen mit Inschrift im Römischen Hispanien*, «Madriider Mitteilungen», Mainz, 26, p. 185-217.
- SAA, M. (1956) — *As grandes vias da Lusitânia (O Itinerário de Antonino Pio)* I, Lisboa.